canivete
bubaloo

O PERIGO É ESSA DISTÂNCIA
DOMÉSTICA
DO NOSSO ÓCIO
PELO PREÇO
VAI LÁ
QUENTE
VENTILADORES DA
UMA NUVEM QUE LEMBRE
PORQUE NUNCA TIVE UMA
QUERIA SABER SE ASSIM
NÃO TE
VIVER MELHOR

canivete bubaloo

camillo josé
x
victor h. azevedo

fogo amigo
ou sobre como profanar uma rapsódia.

gosto muito de fazer parceria com o camillo. ele, que é pra mim uma das vozes poéticas mais amalucadas nesse comboio, faz poemas extraordinários com referências totalmente loucas e imprevisível: de capitões-mor e cultura nipônica até à elementos químicos & escalas musicais. o cara é foda. já fiz a capa de algumas publicações dele e ainda fizemos um trampo em conjunto, chamado NARA, um quadrinho experimental sendo o plano de fundo, nara, uma cidade do japão que inspirou o alt-j num álbum deles..

CANIVETE BUBALOO seguiu um método de feitio diferente desse nosso projeto anterior.

em NARA, seguimos uma metodologia que consistia basicamente em recortar trechos do poema escrito pelo camillo e pensar em como colocá-los em cada página em quadrinho, sem que o diálogo imagem/palavra soasse óbvio demais, como se a imagem fosse mera representação gráfica da palavra, o que, ao meu ver, empobresse as múltiplas interpretações possíveis de um trabalho em quadrinhos.

em CANIVETE BUBALOO, o poema do camillo era demasiadamente imagético, e isso me deixou estacionado por semanas sem saber como prosseguir no projeto. como eu poderia destilar o poema dele na linguagem dos quadrinhos sem que o signo da palavra fosse a representação pura e simplesmente de um reflexo próprio do seu significante?

então resolvi tomar a liberdade de profanar o texto do camillo.

não de um jeito maldoso, mas de um jeito que, a priori, soaria como se a maior parte do trabalho tivesse sido minha, enquanto que o camillo só teria participado com o poema que seria o "mote" pro projeto. eu recuso veemente esse tipo de interpretação, porque para mim, CANIVETE BUBALOO, é uma espécie de transcriação, i.é., "algo criado a partir do que se quer traduzir. É, ao tentar traduzir o que uma outra pessoa escreveu ou narrou, reinventar sentidos tentando interpretar o que foi dito e registrado[...]".

no caso de CANIVETE BUBALOO, minha metodologia consistiu em: pegar o poema do camillo; destilar as palavras, transformando seus significados em imagens; pegar os resultados dessa tradução de palavra pra imagem e, inspirado neles, fazer um texto que dialogasse com essa tradução.

uma tradução profana, resumindo.

quem fosse ler o poema do camillo e fosse ler em seguida o CANIVETE BUBALOO, com certeza notaria as transcriações que fiz, pois não há nada de carambolesco nelas. contudo, essa leitura do projeto teria resultados que para nós seriam catastróficos, resultados esses semelhantes ao que ocorrem quando alguém que lê um livro, vai, em seguida, ver o filme que foi feito inspirado nesse livro, e sai da sala de cinema dizendo "no livro é diferente" ou "estragaram o livro" ou ainda "o filme é totalmente diferente do livro".

por isso, aqui, o poema do camillo será mantido em sigilo, não constará na edição do CANIVETE BUBALOO, mas continuará existindo fora dele. nas interwebs e nas publicações futuras do camillo o poema poderá estar lá, funcionando sem o suporte desse projeto, enquanto que esse projeto não funcionaria sem ele.

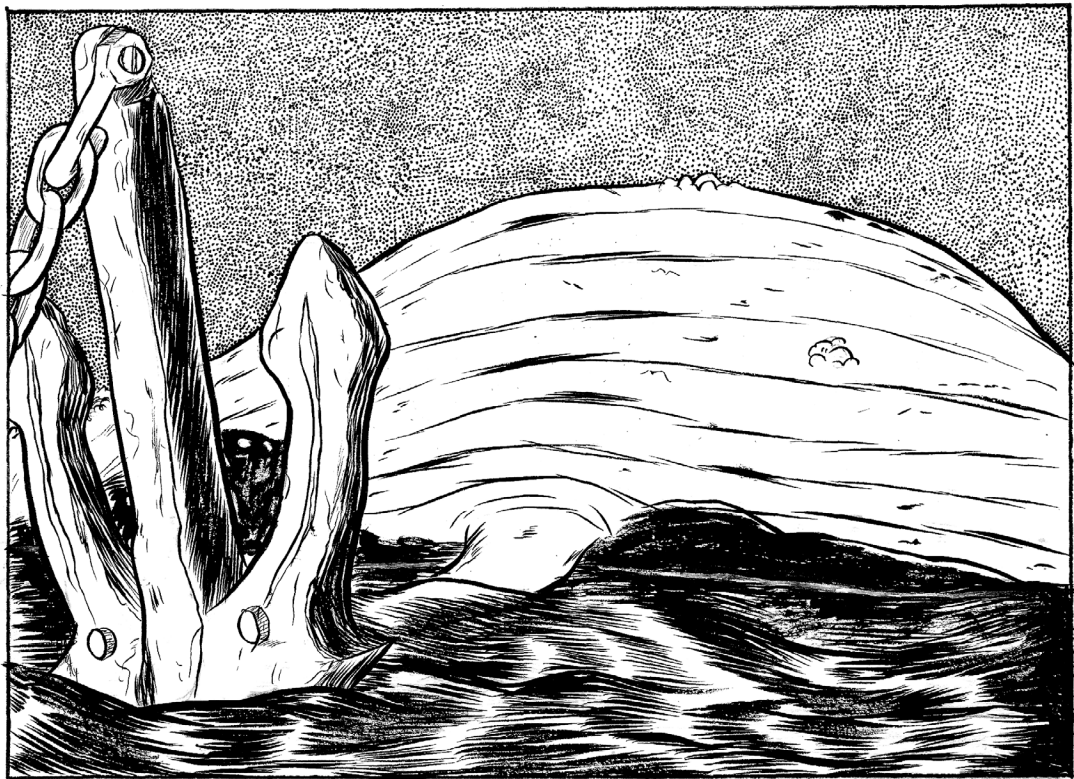
agradeço ao camillo pela libertinagem cedida. fico te devendo uma cerveja, maninho. é tois.

victor h. azevedo

~~nossa poesia nunca~~
~~foi esperançosa.~~

~~perseguimos o mesmo~~
~~animal destrutivo desde~~
~~miúdos a fim de lhe arrancar~~
~~os caninos e com eles~~
~~escrever nossa mitologia~~
~~pessoal.~~

~~mas até hoje não encontramos~~
~~nenhuma pista do seu ninho,~~
~~nenhum rastro de oliveiras ou~~
~~prata.~~

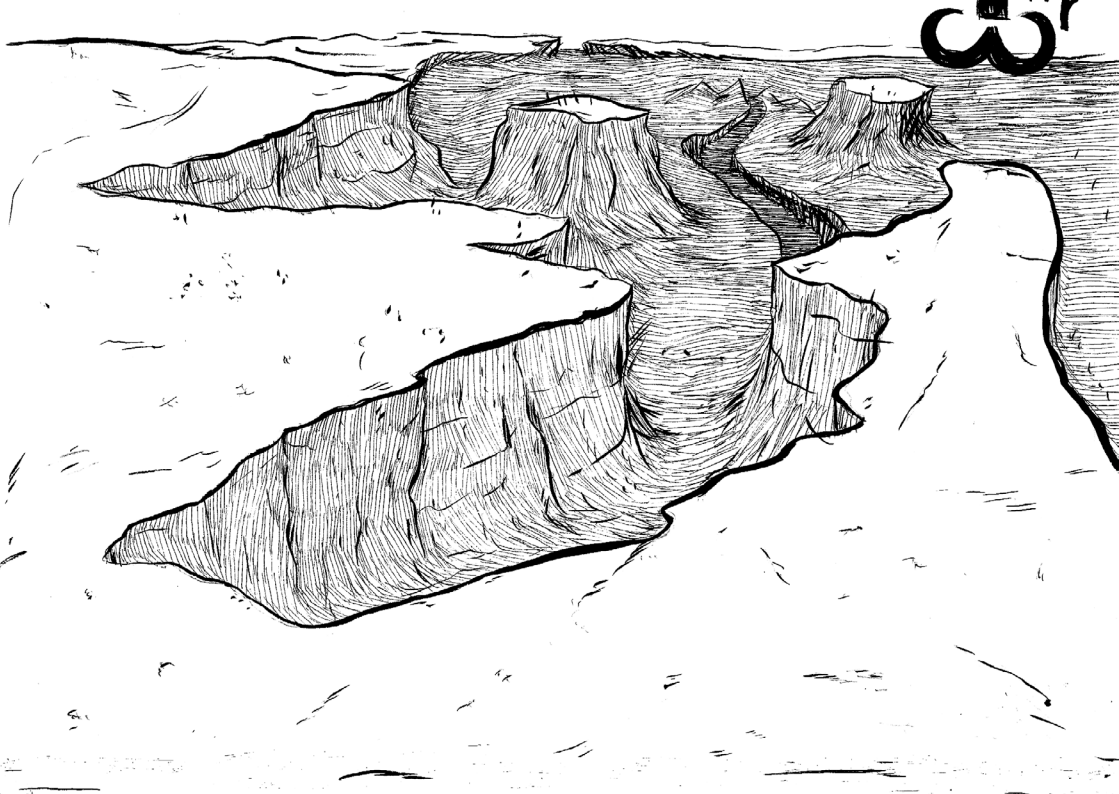
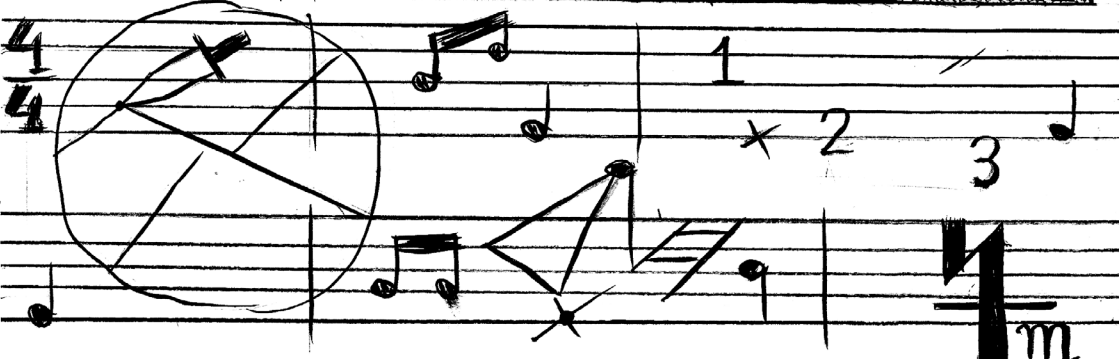
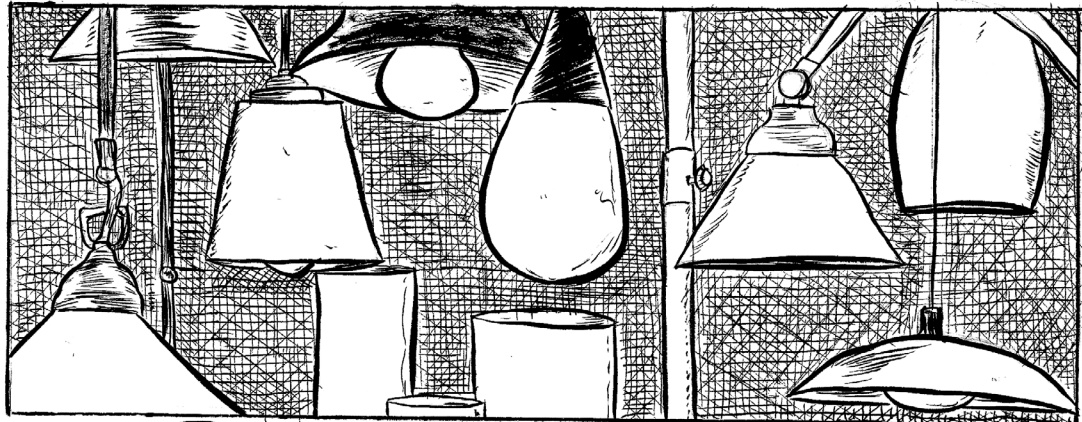
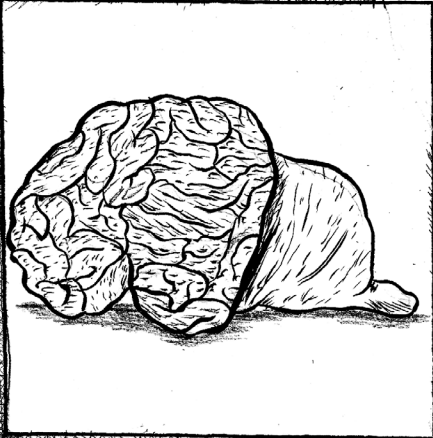
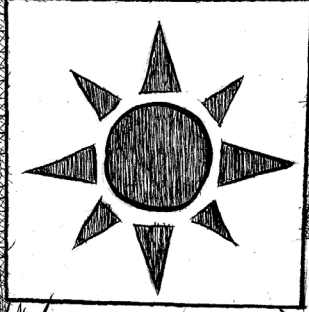
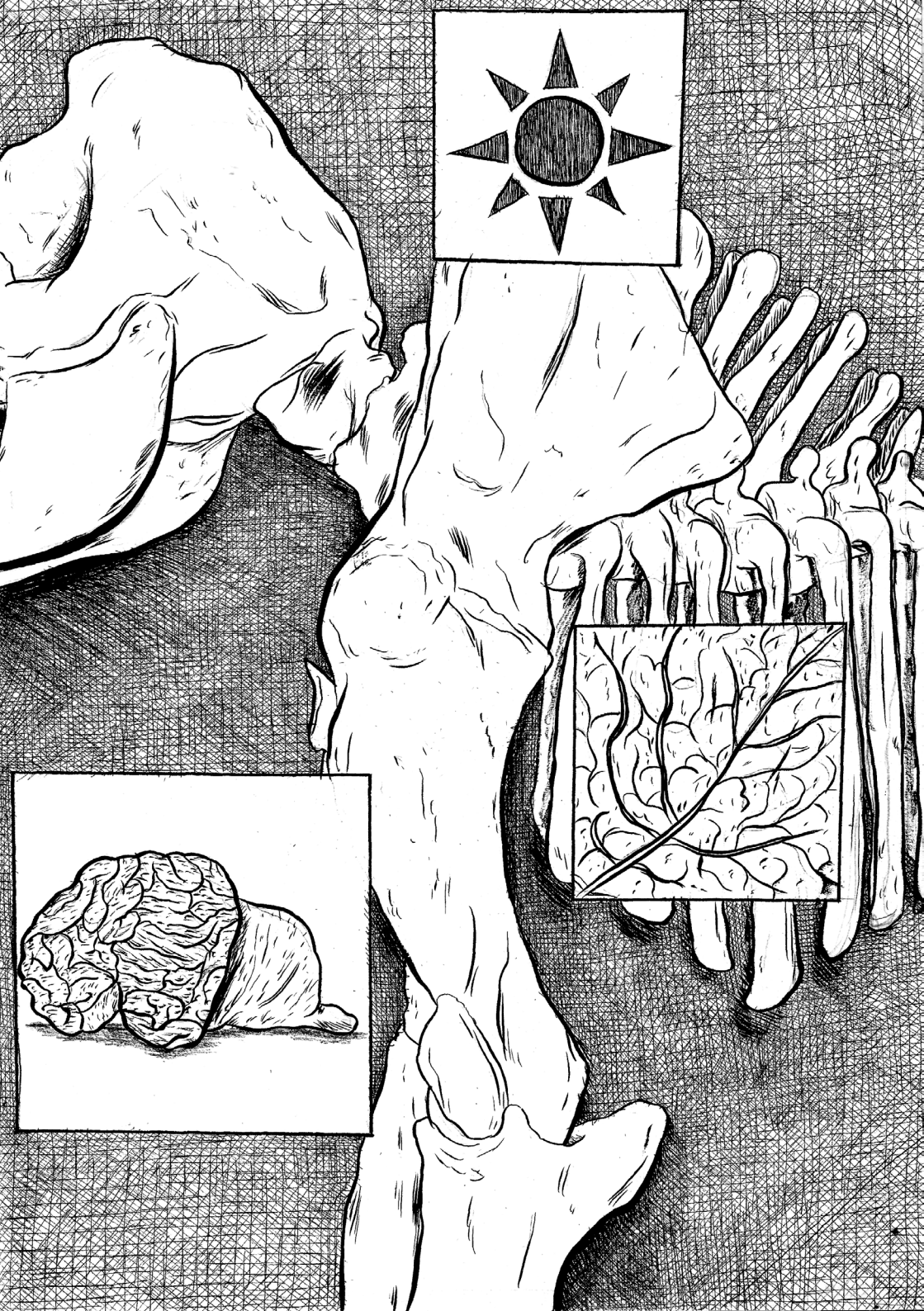
~~SOMENTE ESSE CHEIRO QUE ECOA NO NOSSO ÂMAGO:~~
~~PERFUME DE GASOLINA, CANIVETE & NUVEM.~~

É BEM DIFÍCIL ACREDITAR QUE AS RUAS AINDA TENHAM VOZ.

LEMBRA QUANDO TODOS ESTAVAM JUNTOS NO COMBOIO DOS DESCONTENTES? E AS MANHÃS NÃO ERAM SOMENTE LUME SOBRE NOSSAS MOLEIRAS, MAS PRENÚNCIOS DAS NOITES SEM BREU ALGUM?

E AGORA O QUÊ? MORMAÇO. SARGAÇO. CAL ANCORADO NOS OMBROS.

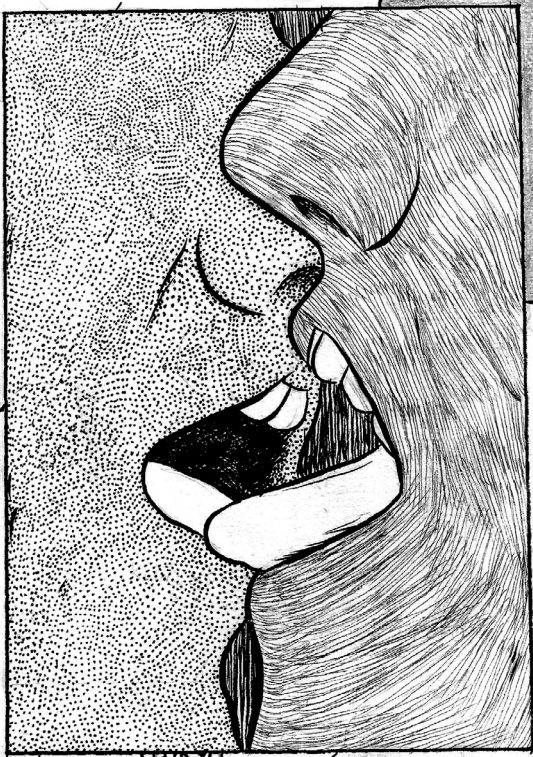
JÁ NÃO LEMBRO QUAL FOI A ÚLTIMA VEZ QUE ASSASSINEI A NOITE E VI O SOL RESSUSCITAR.

NÓS SOMOS ESSAS BOBAS CRIATURAS CRENTES, VES-
TIDAS DE MULAS TONTAS, PASTANDO NAS CERCA-
NIAS DA REALIDADE, ATORDOADAS, EMBRIAGADAS,
ATOLADAS DE SIGNOS SEM HORIZONTE.

DE QUE ADIANTA TER ALGORISMOS A TIRACOLO SE
ELES NÃO TÊM SERVENTIA AO IDIOMA DOS
CÂNIONS & DAS MONTANHAS?

O Que há debaixo desse
Sol que chamamos de nosso?
de divino? parcas ossaturas;
ventos desabrigados; veias sem
raiz; cérebros de
caramujo.

& A ÁGUA É FELPUDA &
OS GESTOS TURVOS.

TEMOS TANTA GEOMETRIA DIS-
PONÍVEL, MAS PREFERIMOS VIVER
PELAS ARESTAS — FALAR DE AMORES,
SOBRANCELHAS, CANDELABROS...

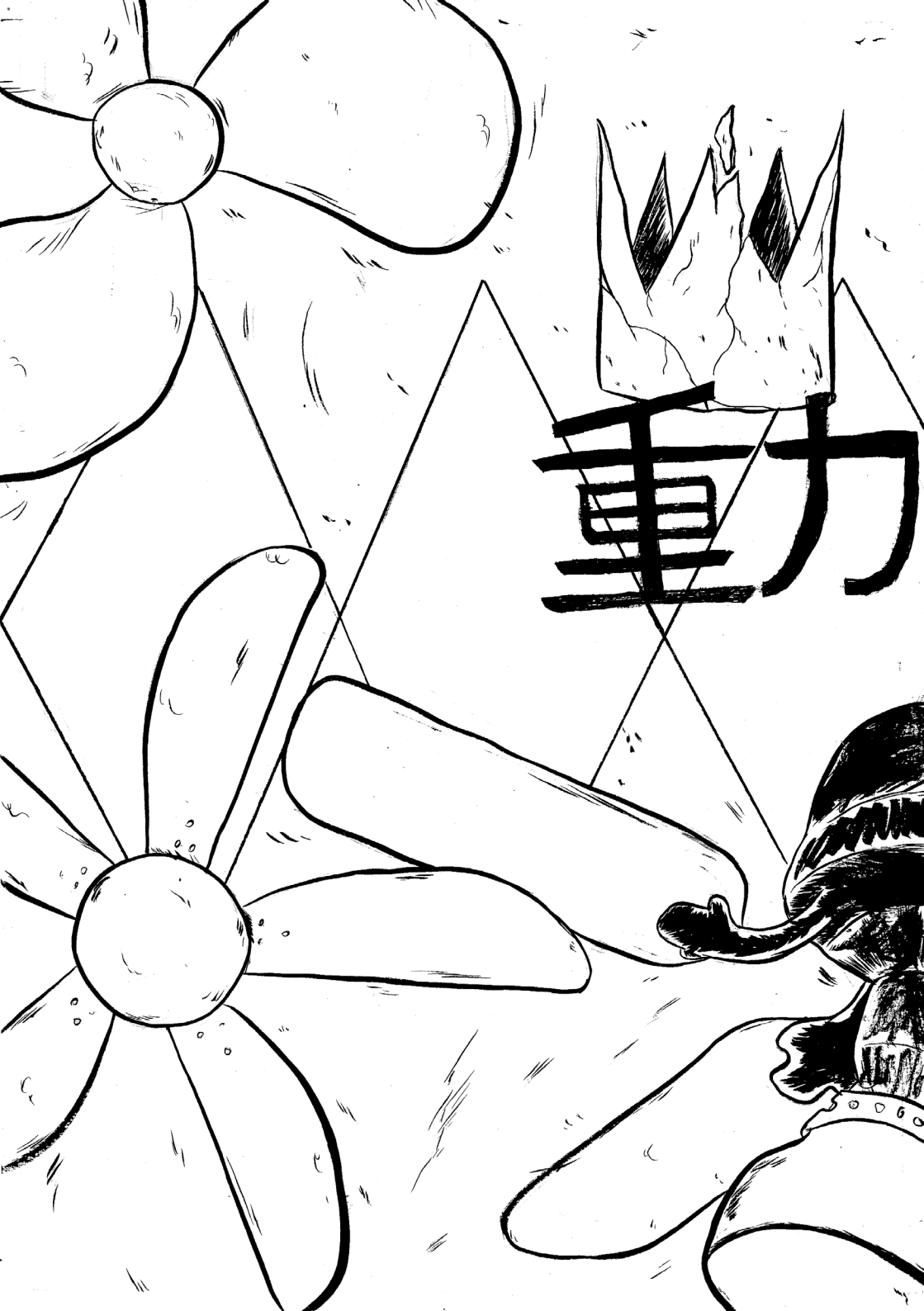
IGNORANDO OS OUTROS, TRIDIMENSIO-
NAIS QUE SÃO.

CAMPBELL
JOJI
FRUSCIANTE
TOBY
ZANZIBAR
RUY PIRES
MARÍA JOSÉ
AVENTURA
EMA
SHINJI
NARA

eu só queria que você não tivesse
feito isso. queria você aqui. queria
te beijar até que deus
matasse nossos pais, até que
não houvesse mais eletricidade na
terra.

e agora isso: eu, ilhado, de frente
ao espelho, enxergando meu refle-
xo: ruínas calcificadas de
saudades.

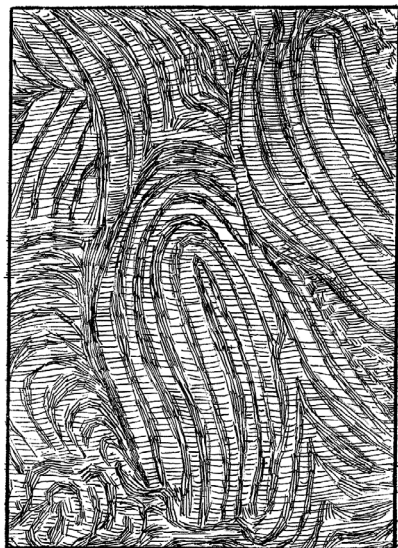
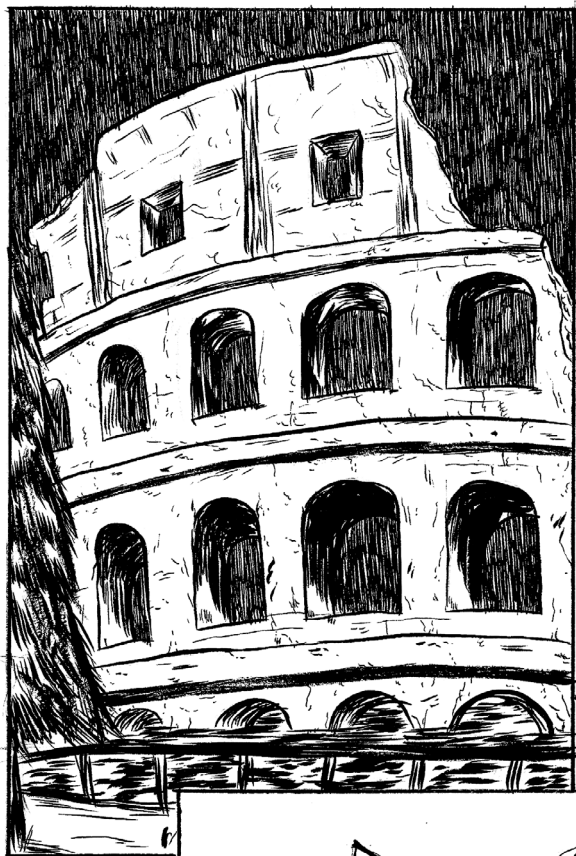
FOI NO DIA MAIS QUENTE DO
ANO.

VC LIGOU TDS OS VENTILADORES DA
CASA NO TEU QUARTO E ME DISSE Q
NOSSAS PEGADAS SÃO IDEOGRAMAS, Q OS
CHICLETES Q CUSPIMOS NA RUA E Q
FICAM LÁ, APODRECENDO COM OS DIAS,
SÃO IDEOGRAMAS. Q O BORDADO Q
VC FEZ DO MEU POEMA FAVORITO, Q
NOSSAS CICATRIZES DA VACINA, Q TEU
BEIJO QUENTE IMPRESSO DE VERMELHO
NA MINHA NUCA, TD ISSO SÃO
IDEOGRAMAS.

重力

Meus amigos não trazem mais cartões postais das viagens feitas para algures.

Todos resolveram escrever nas paredes de casa pra não esquecerem quem são.

Me vejo longínquo: minha cor favorita não tem nome.

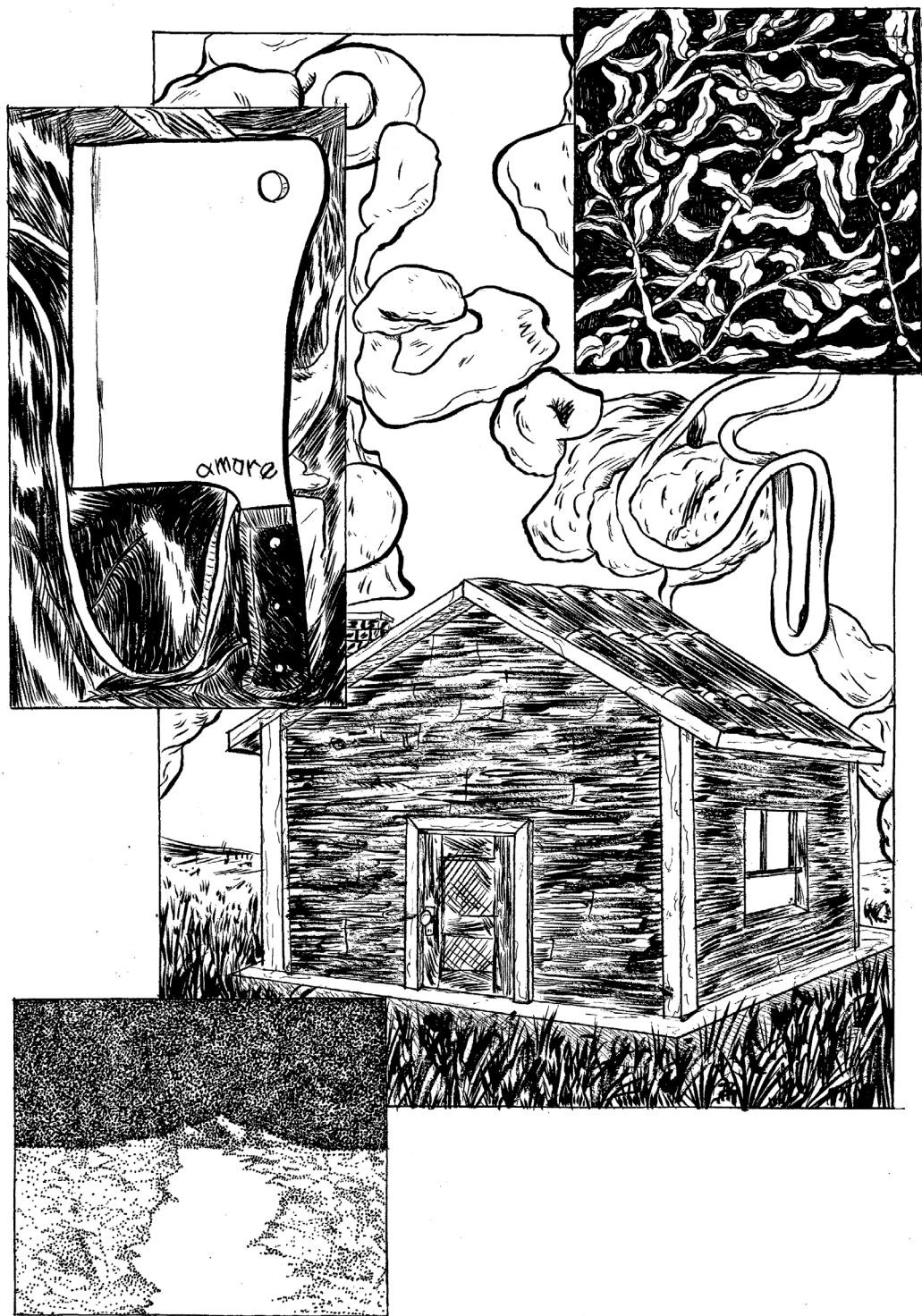
fig.7
BRO
Ιεροσόλυμα
fig.4
fig.1
fig.2
fig.5

~~TENTO ENCONTRAR~~

TENTO ENCONTRAR UMA NUVEM QUE LEMBRE
TEU ROSTO / PORQUE NUNCA TIVE UMA
FOTO TUA / E QUERIA SABER SE ASSIM
PELO VENTO / EU CONSEGUIA NÃO TE
ESQUECER.

QUE DIA É HOJE? VOCÊ NÃO VEM MAIS /
ACHO QUE O PERIGO É ESSA DISTÂNCIA /
QUE NÃO SE DOMESTICA E COMPLICA /
OS OSSOS DO NOSSO ÓCIO.

MISS UNDERSTOOD, NÃO ESTOU FALANDO GREGO /
VOCÊ NÃO SE ASSOMBRA COM ISSO / O CÂMBIO
DOS TEUS PASSOS / PELO PREÇO DE UM CISCO.

JÁ NÃO SEI / VAI LÁ / EU PENSEI / TCHAU E BENÇA.

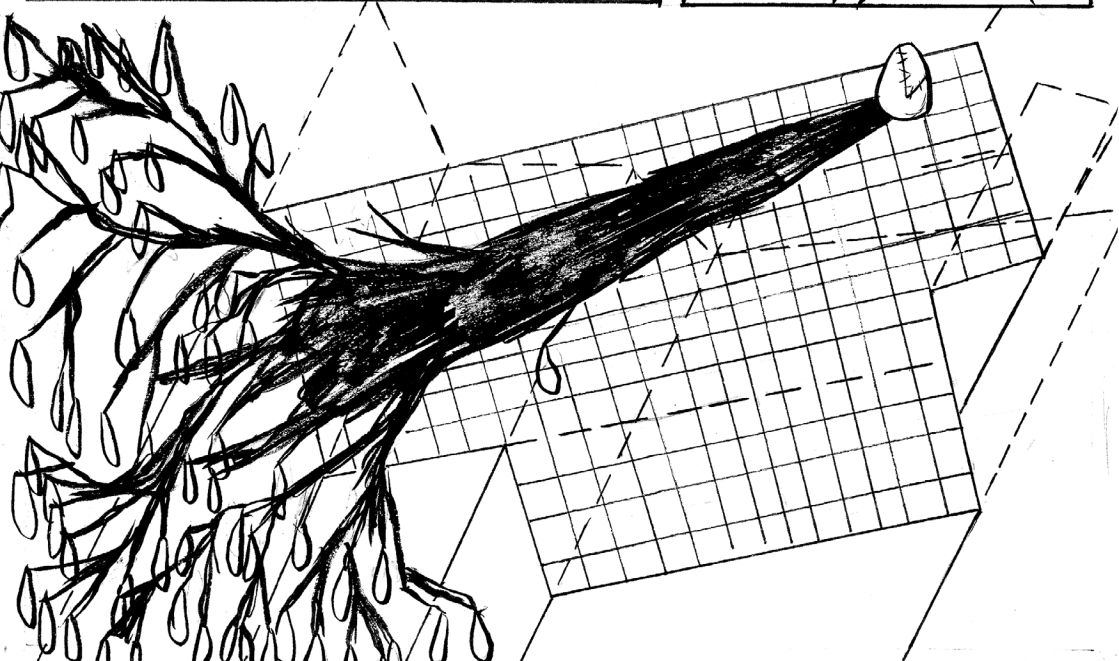
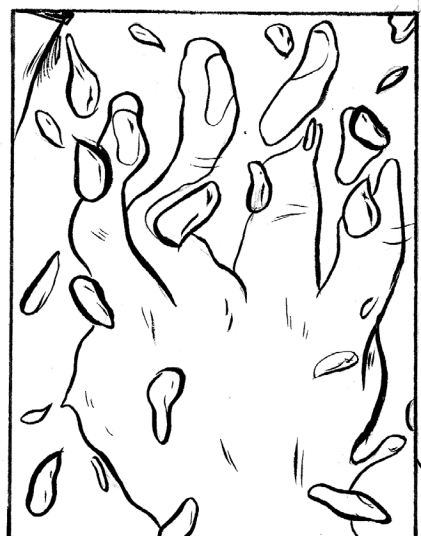
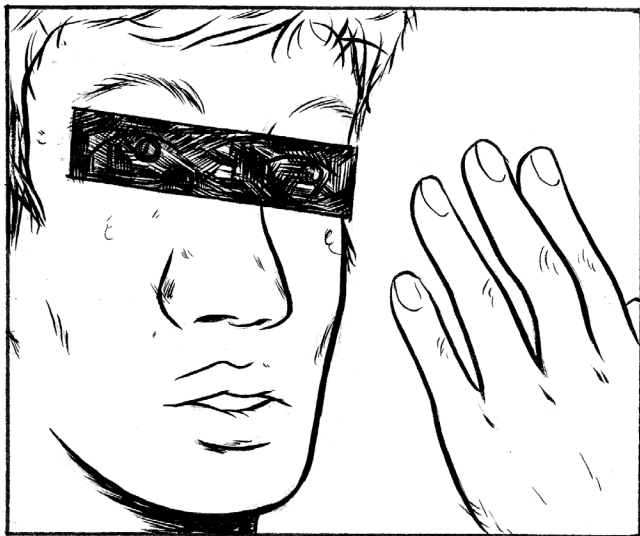
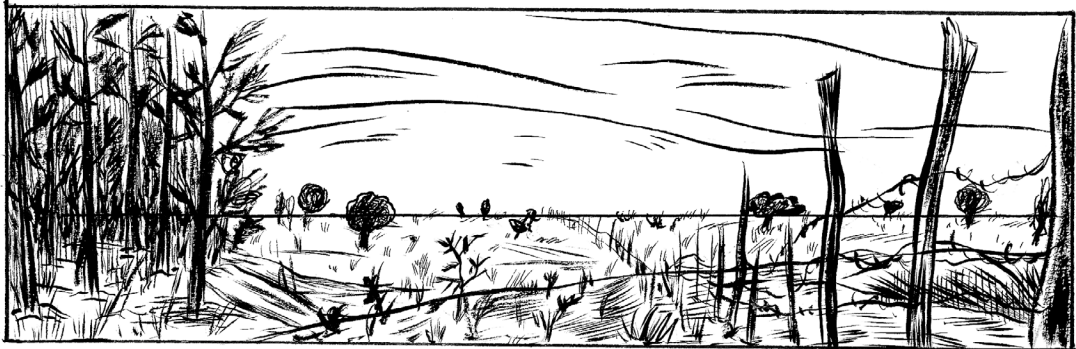
amore

OUTRORA, EU ESCUTAVA OS PASSARINHOS INDO DORMIR: SEU CANTO DECAINDO AO COMPASSO DO SOL SE PONDO, ATÉ QUE A NOITE ENGOLISSE O SILÊNCIO E OS PASSARINHOS SE ACONCHEGASSEM EM SEUS NINHOS.

HOJE É DIFERENTE: O SONO DOS PASSARINHOS ENTERRADO NAS SUAS CASAS DA ÁRVORE. QUANDO CHEGA O OUTONO, OS CUPIDOS SALGAM DESCARADAMENTE A TRISTEZA DOS DESNAMORADOS, QUE CULPAM A ESCASSEZ DE CHILREIOS PELO FIM DO AMOR.

A TERRA SE ENCHE DE PONTOS E VÍRGULAS, QUE CONVERTEM O DIA EM PAUSAS, REPRISANDO QUIETUDES, LOTANDO DE RETICÊNCIAS A PAISAGEM. E AINDA DIZEM QUE OS PÁSSAROS SÃO LIVRES.

ME ENVOLVO COM O ÓXIDO DESSE
DESERTO

UM JARDIM CHAMADO DESERTO, ONDE O
TATO TORNA-SE SÔFREGO DE CLARIVIDÊN-
CIA E ME FAZ PALMILHAR CADA GRÃO DE
AREIA, CADA PÉTALA DESTA ROSA DOS VENTOS,
CADA ENGRENAGEM ANÔNIMA E BELA
QUE FAZEM OS DIAS MANAREM, QUE ME
DERRETEM JUNTO AO FLUXO.

FÉRVIDOS SÃO OS FRUTOS QUE NASCEM
DOS MEUS DEDOS: DENTRO DELES CABEM
A FOME DOS TEUS LÁBIOS. CABEM UM
VERÃO INTEIRO.

agradecimentos à ayrton alves pela revisão dos textos, à minha mãe e a beatriz perini pela caligrafia cedida à dois dos textos e ao camillo, pela confiança e inspiração.

canivete bubaloo começou a ser produzido em 23 de junho de 2017 e foi finalizado em 25 de junho de 2017.